

Para o estudo da problemática da comunicação na obra de Vergílio Ferreira

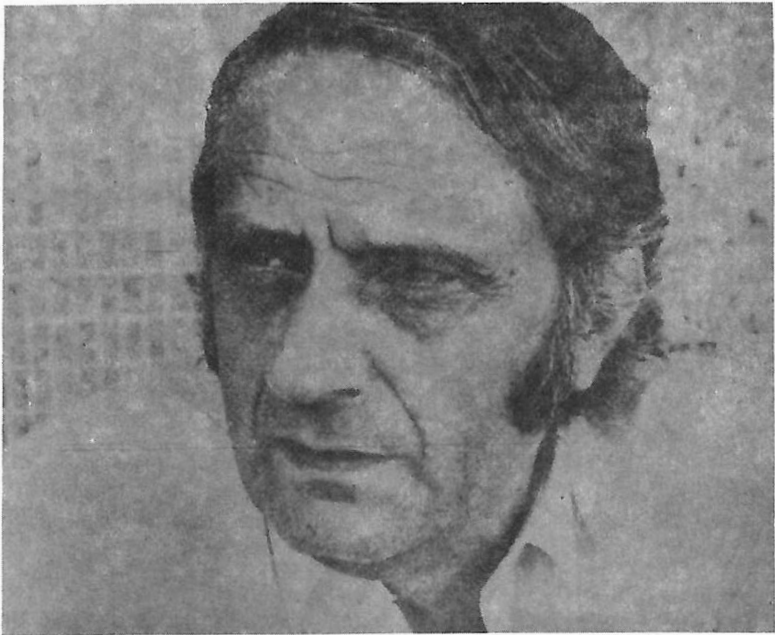
JOÃO DÉCIO

Titular de Literatura Portuguesa da Faculdade de Educação,
Filosofia, Ciências Sociais e Documentação – Campus de Marília (UNESP)

Numa época em que cada vez se fala mais em comunicação e em que cada vez o ser se comunica menos consigo e com os outros surgem determinados escritores que apontam irresistivelmente para tal temática, não num sentido epidérmico e artificial, da comunicação, mas numa profundidade que alcance o que de mais íntimo, impessoal e intransferível possa apresentar a criação.

A real e verdadeira comunicação exige alguns requisitos básicos, fundamentais e mesmo imprescindíveis, sem o que não se pode dizer que realmente existiu. Na esteira de Roman Jakobson se pudermos admitir o livro (em particular o romance ou o ensaio) como uma mensagem que um emissor remete a um receptor, é preciso convir que aí existe a comunicação, caso as duas operações se tenham verificado no processo. A primeira é que o receptor tenha consciência do que foi comunicado como mensagem pelo emissor; a segunda é que haja uma resposta deste àquele. Consciência de — e resposta constituem, portanto, requisitos essenciais para a real efetivação no campo da comunicação.

Assim, estudar o romance de Vergílio Ferreira, ao nível da problemática da comunicação consiste em selecionar algumas mensagens que uns tantos emissores remeteram a tais e quais receptores, seja na mera extroversão de sentimentos ou sensações, seja na profundidade dos conceitos e das idéias. O trabalho de seleção implica, naturalmente, na determinação de material de melhor qualidade, e que defina interior e exteriormente as personagens da ficção de Vergílio Ferreira. Neste trabalho, vamos considerar especialmente cinco dos romances e dois ensaios: dentre aqueles escolheremos: **Aparição**, **Estrela Polar**, **Alegria Breve**, **Nítido Nulo** e **Rápida**, a **Sombra**; no tocante ao ensaísmo, algumas vezes recorreremos a **Carta ao Futuro** e **Invocação ao Meu Corpo**.



Vergílio Ferreira.

Assim, a massa das mensagens que iremos analisar, nesta oportunidade, pode invariavelmente levar ao campo da ciência das significações, seja da semiótica, seja da semiológica, que aqui se reúnem às teorias formalistas e estruturalistas de Roman Jakobson. Em síntese, tentaremos equacionar a comunicação ao nível do conteúdo, da mensagem, mas também estudar o discurso literário (e ensaístico) na linha das significações, tentando, portanto, abrir aqui, duas frentes, na análise da obra de Vergílio Ferreira.

Quem lê *Aparição*, *Estrela Polar*, *Alegria Breve*, *Nítido Nulo* e *Rápida*, a *Sombra* sente-se atingido por uma sem número de informações que devem ser hierarquizadas, para bem entender-se o sentido e o significado de sua ficção. Essa massa de informações normalmente confere ao romance de Vergílio Ferreira um caráter que supera de longe o mero enquadramento de uma história no tempo e no espaço, envolvendo personagens num processo de interação. Não foi apenas um crítico, foram vários que lembraram precedentemente, o caráter ensaístico de romance de Vergílio Ferreira, que constitui um ponto importantíssimo em que o ficcionista supera o romance tradicional, centrado e vertido para o enredo, a história, a mera organização de acontecimentos provocados ou advindos à personagem. Portanto, o ensaio, supera o romance como informação histórica, fornecendo-nos outras tantas informações, que a mera história, o mero enredo se recusa a fornecer. Levantamos e apontamos aqui um elemento que julgamos importante; no plano das informações e da comu-

nicação em geral no romance de Vergílio Ferreira: a presença constante das reflexões, das tiradas filosóficas, do espírito de ensaio, fluindo naturalmente da narrativa. São exemplos frisantes, do processo e talvez na ordem os seguintes romances: **Estrela Polar**, **Aparição**, **Alegria Breve** e **Nítido Nulo** e subsidiariamente **Rápida**, a **Sombra**, onde o ensaísmo de Vergílio Ferreira começa a declinar irrecusavelmente.

Mas, uma pergunta se põe, nesta altura. Nos romances seleccionados por nós, será que a qualidade da massa de informações é a mesma, ou ela se altera, estabelecendo um processo evolutivo de acordo com a evolução do escritor, como homem e como ser-no-mundo?

Sem dúvida, a qualidade das informações tem variado, isto em decorrência das alterações dos valores das personagens, desde **Aparição** até o recente, **Rápida**, a **Sombra**, numa evidente mostra que se o romance de Vergílio Ferreira apresenta avanços, em muitos momentos ele se revela como recuo do ser, em face dos valores. Quer dizer, os valores das personagens, variam com a idade que apresentam, mostrando que na sua trajetória, elas vão aceitando e confirmando idéias e noutros passos, passa a recusá-las.

Para exemplificar, se em **Aparição** e em **Estrela Polar**, as personagens, são jovens à caminho da maturidade, em **Alegria Breve** e **Rápida**, a **Sombra**, elas já estão velhas ou caminhando para a velhice.

Assim, os romances de Vergílio Ferreira que destacamos tratam ou do ser em plena maturidade ou já caminhando célere para o fim da vida, a velhice.

Por outro lado, se em **Aparição** e **Estrela Polar**, Alberto e Adalberto, respectivamente, caminhando da juventude para a maturidade ainda acreditam em ideais (o da comunicação e da comunhão e o do amor) e portanto vivem num plano de alta espiritualidade (que não quer dizer que não tenham seus grandes momentos de experiência no plano afetivo e sensorial), a partir de **Alegria Breve** vai diminuindo a amplitude da espiritualidade, para o ser se entregar a mais solicitadoras exigências de uma vida erótica, plena de sentidos; sucede à espiritualidade dos dois primeiros romances citados, uma franca adesão às experiências no plano da carne. **Alegria Breve** constitui-se no romance de transição, nesse particular, o processo vai-se acentuar firmemente em **Nítido Nulo** e em **Rápida**, a **Sombra**, último romance lançado até o momento por Vergílio Ferreira.

Portanto, no plano da comunicação, o plano do erótico começa a substituir irresistivelmente, o plano da alta espiritualidade. Terá a personagem vergiliana gasto todo seu espírito e tenta agora gastar-se nas últimas forças que lhe restam, no plano do sensual e do erótico?

Será que na evolução do ser, obrigatoriamente, se opera esta passagem, a certa altura da vida? O que se depreende é que forças espirituais podem acompanhar e vivificar o ser durante toda a vida; não ocorre o mesmo com as forças eróticas, que se gastam a certa altura da vida; por isso é que nos últimos romances (**Alegria Breve** e **Nítido Nulo**) mas especialmente em **Rápida**, a **Sombra**, sente-se que o ser gastou-se por demais, no plano das vivências espirituais e subestimou as vivências eróticas; resulta daí o desespero e a ânsia de se esgotar no plano da matéria, na medida em que a personagem vislumbra esta impossibilidade.

Portanto, o fulcro da comunicação nos romances de Vergílio Ferreira, parece ser o drama do homem que à medida que sente que pode comunicar-se mais e mais com o espírito, inversamente (com o passar do tempo) sente também que menos e menos pode se comunicar com o corpo, no plano dos sentidos, na dimensão do erótico.

Se bem que já em *Mudança*, e *Cântico Final*, Vergílio Ferreira já tenha implicitamente apresentado o problema da comunicação, limitado no primeiro ao plano da vivência conjugal e alargando no segundo a dimensão social, por via da arte, a grande explosão da problemática aparece em *Aparição*. Vistas bem as coisas, esse romance se constitui no ápice da crença na possibilidade de o ser comunicar-se como seus semelhantes. A personagem principal, narradora em primeira pessoa, Alberto, busca a comunicação em variadas direções: na do amor (do sentimento e do sensual), da amizade, da sua profissão (e missão) de professor, no plano social, dentro de certa atuação, no plano familiar e familiar, tentando entender-se com os pais e com os irmãos; além desta variada gama no plano da comunicação, a personagem busca comunicar-se consigo mesma, na tentativa de descobrir o sentido de sua vida no mundo, a sua missão, o seu destino, para além de todo aquele raio de comunicações; sente-se que a comunicação com o próprio eu passa inicialmente por outras personagens, com quem o protagonista entre em contacto.

Na tentativa de comunicação de Adaberto com as outras personagens, aparecem inúmeras barreiras, de ordem puramente pessoal ou de carácter social. Portanto, estabelecer a comunicação constitui um estafante trabalho de destruir obstáculos. Na relação com a personagem Ana, Alberto procura mostrar os infinitos horizontes que se abrem para o ser mas, os preconceitos e provincianismos que informam a primeira, impedem-na de compreender as idéias do protagonista, em torno da comunicação. Acrescentando-se isto ao fato de o marido de Ana, Alfredo, revelar-se extremamente ciumento com relação a Alberto, isto provoca o afastamento de ambos, este e Ana, no plano físico e no plano das idéias. Também em termos de horizontes, as personagens diferiam muito: enquanto Alberto está em busca de solução para graves problemas do ser, Ana se revela personagem de perspectivas puramente burguesas: resolvido o problema com a adoção dos filhos da personagem Bailote, Ana se sente realizada enquanto Alberto busca novas dimensões, novas experiências, no plano da comunicação e da comunhão.

O plano da comunicação ao nível da amizade buscado por Alberto com relação a Ana tem enorme importância, na medida em que estamos diante de um sentimento que não tem o egoísmo do amor; na amizade, opera-se uma doação total, sem espera de retribuição ou recompensa. A comunicação no plano do amor, outra direção importantíssima do romance *Aparição* registra-se entre Alberto o protagonista e Sofia: Esta personagem que ao nível da narrativa se revela, indiscutivelmente secundária, ascende a posição de primeiríssimo plano, se lembrarmos que uma das características mais marcantes é o seu anti-burguesismo, identificado este com um complexo de provincianismo, preconceitos e tabus provincianos. Na comunicação no plano do amor, Alberto e Sofia assumem posições diferentes: enquanto aquele assume o sentimento, num plano de evidente sentimento, mesclado, é certo de algum sen-

sualismo, esta é toda sensualidade, quase que isenta de um sentimento mais profundo.

Portanto, não existe da parte de um o sentimento, e de ambas as partes ocorre o sensual e o erótico, muito mais frisante na personagem Sofia.

Com o Bexiguinha, a comunicação opera-se ao nível de uma atuação no plano da amizade o que proporciona uma tentativa de entenderem-se o protagonista e ele num plano mais profundo, o da comunicação através das idéias, o que dá a dimensão filosófica à relação. Temas como o do destruir e do construir, da vida e do milagre de criar, tudo isso faz parte das divagações entre as duas personagens.

Também aqui, dada a diferença de idade (Alberto é um homem maduro) e Bexiguinha, um adolescente, e também de valores, um a tentar construir-se no outro enquanto noutro opera-se a destruição, ocorre que a certa altura ambos tendem a afastar-se, irresistivelmente. Portanto, falha a missão de Alberto na direção da comunicação em torno das idéias, mas aqui é evidente o caráter de ensaio sobre o comportamento do ser, estabelecido por **Aparição**. Mas, é de notar que esta linha de reflexão prende-se a ligação de Alberto com outras personagens; com o pai, por exemplo, de onde deriva o tema importantíssimo da inverossimilhança da morte e do absurdo da vida.

Em termos de valores e de filosofia de vida, Alberto também tenta a comunicação com os irmãos, reconhecendo e dando a ele o direito de pensarem segundo o seu tipo de vida. É o que acontece com Tomás, cujo valor de vida centra-se na luta com a terra, e daí derivam os seus valores e a sua rústica filosofia de vida.

Mas se opera a tentativa de comunicação, no plano individual, de um eu para outro eu, nas variadas direções que apontamos, Alberto não se recusa a comunicar-se num plano mais amplo, embora menos profundo, que é o social, razão por que não se nega a participar da série de conferências organizadas para sacudir um pouco o marasmo intelectual a que está entregue a cidade de Évora.

Embora, com maior profundidade nuns casos, como é o que ocorre com Ana, Sofia, Bexiguinha, o protagonista sente que a comunicação nunca é total; o que se pode transferir a outrem são apenas alguns momentos de iluminação sem continuidade. É possível transferir-se a pessoa física mas a pessoa metafísica onde moram as mais profundas idéias, sensações e sentimentos do ser esta, não se transfere; daí a solidão irremediável que assalta em muitas oportunidades, o protagonista de **Aparição**. Mas embora, sinta esta impossibilidade de raiz, de se comunicar num plano totalizante, Alberto autentifica a sua vida, por que tentou ao limite máximo, transmitir-se a outros, no plano do “alarme”, do “milagre”, aquela “aparição” de sua pessoa metafísica a si mesma. Numa luta que não sessa, com rápidas tréguas, Alberto Soares sai de Évora completamente transformado, depois de toda essa comunicação em variadas direções: no plano do amor, com Sofia, da amizade, com Ana, da família, com os pais e os irmãos, no plano da profissão de professor, com o Carolino (o “Bexiguinha”) e no plano amplificante do social, mas tudo isso era insuficiente, porque a cada um Alberto apenas fornecia uma fração, uma parcela do seu ser; o ser num plano totalizante, metafísico, das profundas razões, es-

te, o protagonista sente a impossibilidade de transmitir a outrem. Nesta zona, é que se gera a solidão irreduzível do ser somente verificável, depois da longa caminhada em busca da comunicação.

Estrela Polar, no plano da comunicação, apresenta algumas diferenças com relação a **Aparição**.

Primeiramente, a comunicação cósmica proposta por este último romance, diminui ou mesmo não existe no segundo. Adalberto, narrador em primeira pessoa e principal personagem, busca a comunicação com duas mulheres, com um pintor Garcia, com Emílio, e com o filho, já ao final do romance e que morre ainda criança.

Ao nível da narrativa, diminui em quantidade o número de criatura e a variedade de processos com que o protagonista se relaciona. Surgem temas como o do amor no plano do sentimento e do erotismo mas começa a se destacar um uma linha de reflexões ampliando-se a linha ensaística no romance. Mais do que a simples comunicação, pleiteia-se uma comunhão. A comunicação implicaria num simples processo de um emissor enviar uma mensagem a um destinatário e este tomar consciência e responder; já a comunhão seria um processo de mais profundo entendimento, que compreenderia um sentir comum, um pensamento comum e uma atuação comum no plano da criatura. Numa conversação com Emílio, Adalberto a certa altura do romance propõe a questão; a partir da pergunta do primeiro:

– *Qual sonho?*

– *O de haver comunhão no Mundo. Uma comunhão perfeita.*

– *E também de . . .*

Mais adiante, contudo, revela-se o sonho impossível de torna-se realidade de num plano total que é afinal aquele buscado pelo protagonista.

Sim, a comunhão perfeita não existe.

Mas que existisse! Seria uma solidão a dois. E que a nossa comunhão se estendesse à humanidade. Seria uma solidão a dois. Só se está unido perante o que nos transcende. Mas nada está acima de nós. . .” (p. 83).

Mas se de um lado, aumenta a densidade do protagonista no afundar-se dentro de si, refletindo sobre a problemática da comunhão, e portanto dimensionando-se num plano teórico, diminui a ação, a dinâmica na direção correta de entendimento com outras criaturas. Assim, enquanto **Aparição** se revela como sendo a prática da comunicação, **Estrela Polar** é todo uma teoria sobre a comunhão.

A tentativa de comunhão é feita por Adalberto, narrador em primeira pessoa, na direção de duas mulheres gêmeas, ou de uma mulher só (há momentos confusos na mente do protagonista) e novamente aparece uma diferença em **Estrela Polar** comparativamente a **Aparição**. Enquanto aqui as mulheres se mantêm muito aquém do narrador, no plano referencial, no primeiro romance, Aída e especialmente Alda ombreiam em muitas oportunidades com o protagonista, nos momentos de reflexão e de discussão sobre temas como o do amor e a solidão.

Numa das conversações entre Alda e Adalberto é fácil perceber a dinâmica da mulher, no processo de discussão, numa integração harmoniosa entre a narrativa e o ensaio:

– *Como não podíamos, Alda?*

Não digas o meu nome. . .

Mal a ouvi e insisti ainda: como não podíamos? Mas Alda sabia as razões, sabia a voz da pobreza:

– *Amar é conhecer e consentir. Mas só se conhece e se consente o que tem limites, o que é humano. Tu queres a desumanidade e o excesso.*

Revela-se que no plano da comunicação, a mulher ascendeu, porque não só é capaz de tomar consciência como destinatária, da mensagem que lhe foi comunicada, como também responde numa dimensão crítica ao que lhe foi proposto. Estabelece-se então, uma diferença radical entre o que pensam Alberto e Alda com relação ao amor e à solidão. Ainda mais, neste passo o romance opera numa zona de não aceitação das idéias pré-estabelecidas e concomitantemente, na reconstrução do mundo na medida em que se reconstrói uma linguagem.

Creemos ter podido apontar alguns dos aspectos mais frisantes, na problemática da comunicação, no romance de Vergílio Ferreira. O assunto fica em aberto, dada a riqueza que carrega. Pelo menos quisemos chamar a atenção para este tema que ao lado da problemática do “eu” se revela de enorme interesse, no romance de Vergílio Ferreira.

Bibliografia

FERREIRA, Vergílio:

Aparição, Lisboa, Portugalíia Editora, 1959

Estrela Polar, Lisboa, Portugalíia Editora, 1962.

Alegria Breve, Lisboa, Portugalíia Editora, 1965.

Nítido Nulo, Lisboa, Portugalíia Editora, 1971.

Rápida, a Sombra, Lisboa, Arcádia Editora, 1975.

Carta ao Futuro, Lisboa, Portugalíia Editora, 1958.

Invocação ao Meu Corpo, Lisboa, Portugalíia Editora, 1965.